

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO SOBRE A ELEIÇÃO DA NOVA ÁREA INDÍGENA PARAKANÃ

CEDI - P. I. B.
DATA 01/06/86
COD. PKD 17

INTRODUÇÃO:

Em cumprimento a Portaria nº 489/E, de 08/11/78, apresen-
tamos, a seguir, o relatório resultante de nosso deslocamento ao
território Parakanã, objetivando a eleição da nova área Indígena,
tendo em vista os seguintes fatos:

- a) Inundação de grande parte da Reserva Parakanã e de quase toda a área do PI Pucurui com a construção da Usina Hidroelétrica de Tucurui;
- b) Construção da Variante da Rodovia Transamazônica cortando a Reserva Parakanã;
- c) Impossibilidade de permanência do grupo nas partes inundadas;
- d) Insuficiência da área Indígena não inundada para a subsistência do grupo.

PARTICIPANTES:

- Noraldino Vieira Cruvinel - Antropólogo-DGPC-DEP/FUNAI
- Antônio Carlos Magalhães L. dos Santos - Antropólogo - Coordenador do Projeto Parakanã.
- Miguel Cecim Rassy Filho - Agrônomo - ITERPA.
- Jorge Rodrigues dos Santos Filho - Desenhista DGPI/FUNAI.
- Grupo Indígena - A participação dos Parakanã na escolha da nova área Indígena, sobretudo do grupo do ig. Lontra, foi contínua e diária enquanto estivemos na aldeia, sendo de resaltar que antes mesmo de nossa estada na região o assunto já vinha sendo tratado com os índios, pelo pessoal do Projeto Parakanã.

PERÍODO DA MISSÃO

- Início de deslocamento: 09/11/78
- Término: 07/12/78
- Total de dias dispendidos: 29 dias

Assinado

A diferença entre o tempo gasto na missão e o Período de Campo se deveu ao período gasto no deslocamento entre Brasília/Tucuruí/Brasília, no que gastamos 03 dias e ao fato de termos de aguardar por oito dias, a liberação do Helicóptero.

TÉCNICAS UTILIZADAS

1. Levantamento da área:

a) Levantamento Aéreo - Optou-se pelo reconhecimento aéreo através de Helicóptero, face aos seguintes fatos:

- a.1- ser extremamente grande a área de Perambulação do Grupo Parakanã;
- a.2- dificuldade ou impossibilidade de acesso a toda a área, em tempo limitado, que não pela via aérea;
- a.3- boa parte da área já era conhecida, via Fluvial e Terrestre, pois alguns servidores do Projeto Parakanã, não tendo os mesmos, entretanto, uma visão global sobre a situação de ocupação de parte dela por não indígenas.

Sobrevoamos uma área aproximada de 800.000ha, no que dispensamos 73:55 horas incluindo neste total, deslocamentos do aparelho de Belém até a área, bem como aqueles com objetivo de abastecimento, nos quais se gastou cerca de 20% do tempo gasto. Esclarece-se que tal dispêndio, que nos parece absurdo, se deveu a impossibilidade de conseguirmos, em Tucuruí, condicionadores que permitissem transportar o combustível até as proximidades da área.

O reconhecimento foi feito, inicialmente, às margens dos principais cursos d'água e, posteriormente, através da técnica "Pente Fino", nas áreas divisoras de águas. Ressalta-se que efetuamos sempre que possível e necessário, pousos em sítios da região, objetivando continuação da área em que nos encontrávamos, levantamento dos habitantes do local, confirmação in loco de Pontos de interesse ao levantamento e reconhecimento do solo, (vide anexo nº).

Assinatura

PRIMEIRO FUNAI 076-1170
Fls. 39
03

2. Levantamento de dados etnográficos.

A parte etnográfica do relatório é de autoria do coordenador do Projeto Parakanã, que os vem coletando, em períodos es ca ss o s e alternados, desde 1975.

As técnicas de Pesquisa aqui utilizadas foram, sob re tu do, a observação Participante e a entrevista direta.

ASPECTOS FISICOS DA AREA

Segundo informações do Projeto Radam (Levantamento de Recursos Naturais, Vol. 4) os dados disponíveis permitem afirmar que o embasamento Polimetamórfico do chamado Complexo Xingu teve sua edificação completada até término do Período Pré-Cambriano. Composto por Granitos, Granodioritos, Migmatitos, Quartzitos, Xistos, Dioritos, Quartzos, Granulitos ácidos e básicos, Anfibolitos, Gnaisses e Xistos Nicáceos, o Complexo Xingu é um dos conjuntos aflorantes mais antigos do território brasileiro, sendo que suas possibilidades metalogênicas são restritas, havendo, entretanto, ocorrência não muito significativa, de ouro, cobres, diamantes, ferros, etc.

RELÉVO

Em sua maior parte o relêvo da área está modelado sobre rochas graníticas, estas formadoras das inúmeras pequenas elevações da região e pelos vales intermontanos de média e pequena extensão, sobre os quais correm os cursos d'água que, embora de pouco volume, são inúmeros e significativas para a região.

CLIMA

Caracterizada como Região Climática Quente, possui um clima t é r m i c o nas partes baixas e mesotérmico nas áreas elevadas onde as temperaturas são suavizadas pela altitude. No período se n o u z o u l h o m a i s a o t u o u r o, os dias são mais curtos e mais frias as noites. No Período Chuvoso, de novembro a abril, os dias são mais longos e quentes. A temperatura média é quase sempre superior a 20°C, sendo os meses de junho a julho, os mais frios.

[Handwritten signature]

FERTILIDADE DO SOLO E VEGETAÇÃO

Embora de composição Prodzólico Vermelho - Amarela e La tosólico Vermelho e Amarelo Distrófico, há uma Predominância muito grande do Primeiro, chegando a cerca de mais de 90% do total da área. Ambas as composições são de solos ácidos com fertilidade de baixa a média e textura argilosa.

Dada a cobertura vegetal da área que é de florestas densa submoritana com largas manchas de floresta aberta, as atividades de extrativismo vegetal, tais como o aproveitamento da Castanha do Pará, do Babaçú, e a exploração da madeira, são muito significativas e representam as fontes de recursos mais importantes. Ressalta-se, entretanto, que as madeiras de lei, são hoje escassas e restritas a locais de difícil acesso.

Para as atividades criatórias em pastos plantados e agricultura mecanizada, a região apresenta como fatores restritivos o solo e o relêvo. O primeiro pela baixa e média fertilidade e o segundo pela irregularidade, pois a área, como já vimos, apresenta inúmeras elevações com vales de médio e pequeno porte.

A agricultura de coivara tem no local, boa rentabilidade desde que praticada com grande rotatividade das áreas cultivadas e Pouseios (descansos) Prolongados.

Para uma Comunidade como a Parakanã, que tem na Caça, na Coleta e na Agricultura de subsistência a base de sua subsistência, a área é rica e propícia.

HISTORICO

O grupo indígena PARAKANÃ pertence ao tronco linguístico TUPI e habita tradicionalmente a zona de floresta existente entre os Rios Tocantins e Xingu, mais precisamente a faixa territorial que se estende entre os igarapés Cajazeiras e Iruaná, ou ainda o Anapu, próxima à Rodovia Transamazônica, a sudoeste do Estado do Pará. A localidade mais próxima dos dois acampamentos PARAKANÃ, até agora conhecidos, é Tucuruí, onde se constrói a Hi

[Handwritten signature]

COLEÇÃO FUNAI 548111
 Nº 31-37
 data

droelétrica de Tucuruí, através das Centrais Elétricas do Norte do Brasil.

Ao recuarmos no tempo vamos encontrar os PARAKANÁ formados pela junção, já longínqua, de dois grupos que dominavam a extensão territorial situada entre os igarapés Cajazeiras e Anapu, a saber: os APUITEREWA e os TAPIIPI. Os primeiros habitavam o igarapé Cajazeiras ou da Esquerda e realizavam incursões até o Rio Itacaiunas mais ao sul e ainda aos igarapés do Meio e da Direita, afluentes do Cajazeiras, mais ao norte. Já o grupo TAPIIPI habitava a área mais ao norte, ou seja, a partir do igarapé da Direita até o Anapu. Com a junção destes dois grupos, os PARAKANÁ passaram a habitar e dominar esse território, do Cajazeiras ao Anapu. Entretanto, com as cisões havidas em tempos mais recentes, o grupo contratado em 1976, por exemplo, no igarapé Anapu é formado somente por pessoas do sub-grupo APUITEREWA.

Raras são as informações existentes sobre este grupo indígena, e se limitam a poucas informações coletadas por Expedito Arnaud em uma ou duas visitas realizadas, quando ainda do início do contato destes índios com as frentes de penetração da FUNAI. Em uma de suas publicações através do Museu Paraense "Emílio Goeldi", Arnaud apresenta um rápido retrospecto dos contatos entre índios e brancos ao sul do Pará. Assim, datam de 1910 aproximadamente as notícias sobre os PARAKANÁ, ao terem sido expulsos do Rio Iruaná pelos índios ARARA-PARIRI, sub-grupo ARARA, próximo a Pacajá do Portel. A partir daí, somente voltamos a ter informes desse grupo TUPI entre os anos 20 e 30, precisamente de 1920 a 1938 quando realizavam pilhagens ao longo da Estrada de Ferro Tocantins, hoje extinta. Com a criação de um Posto de Atração pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio (S.P.I.) às margens do igarapé Pucuruí, os PARAKANÁ ali aparecem em fins da década de 30. Entretanto, face a uma epidemia de sarampo que grassava na região estes TUPI desaparecem.

(1) - Ação Indigenista no Sul do Pará - bol. nº 49, M.P.E.G., Belém, 1971.

Arnaud

recem na floresta e passam a manter esporádicos contatos somente após quinze anos, isto é, de 1953 a 1965. A partir deste ano voltam a desaparecer, surgindo posteriormente no início da década de 70, quando da abertura para a construção da Rodovia Transamazônica. São, então, criadas as Frentes de Penetração pela Fundação Nacional do Índio, com o intuito de contactarem as comunidades indígenas surgidas na região, a fim de que os trabalhos daquela Rodovia não sofressem solução de continuidade. Já em 1971, portanto há sete anos somente, através do decreto de número 68.913, o grupo indígena PARAKANÁ então contactado, é confinado em Reserva Indígena de apenas 189.000 hectares, reduzindo enormemente a sua área de perambulação e morada.

Segundo informações e relatos de sertanistas que atuavam na área, os PARAKANÁ deveriam compor um grupo de não menos de 700 (setecentos) pessoas em suas comunidades, que se espalhavam em tres ou quatro grupos menores ao longo da faixa territorial anteriormente mencionada.

Já um outro PARAKANÁ, cisão do anterior, aparecia por vezes junto ao igarapé Cajazeiras, mais propriamente junto ao local denominado "Poção dos Caboclos". Todavia, nessa época, as Frentes de Penetração que para lá se dirigiam entre 1971 e 1974 não conseguiram o contato efetivo, face a falta de apoio recebido, quando de suas incursões, segundo alegam os próprios sertanistas. Este mesmo grupo em sua perambulação natural voltou a aparecer no Rio Itacaiunas, próximo às suas Cabeceiras, realizando algumas pilhagens. O ano de 1976 marca a atração definitiva deste grupo, já então no igarapé Anapu, na região de Altamira. Os PARAKANÁ foram, então, transferidos de seu local de contato, onde segundo informações do próprio grupo já habitavam, há bastante tempo, para a Reserva Pucurui, lugar em que hoje se encontram.

Em fins de 1977 um outro grupo PARAKANÁ que se cindira deste último ainda no igarapé Anapu, foi atacado pelos índios IKRIN do Rio Sacajá. Este conflito se deu em consequência destes

[Handwritten signature]
a

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROJ. Nº FUNAI 5487/78
Fol. 36
Rubrica
07

PARAKANÃ terem ferido à flechada um índio Kayapó. Desse encontro resultaram 16 (dezesseis) índios PARAKANÃ mortos, sendo que parte do restante do grupo de aproximadamente 70 (setenta) índios foram feridos igualmente com tiros de cartuchos. Segundo nos informou o sertanista aposentado Osmundo dos Anjos, na época responsável pela averiguação do massacre, deve ainda perambular pela floresta Tocantina/Xinguana cerca de aproximadamente 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) índios PARAKANÃ, deste grupo.

Por outro lado, há de se lembrar que, de acordo com os índios da Reserva de Pucurui, outros PARAKANÃ ainda perambulam entre os Igarapés Cajazeira e Anapu. Isto vem confirmar a hipótese inicial de que estes índios há já algum tempo se dividiram em três ou mais grupos. Além disso, recentemente fomos sabedores, através da comunidade residente na Reserva PARAKANÃ, que foram encontrados vestígios nesta área de índios ainda não contatados pela FUNAI, e que afirmam ser PARAKANÃ, do sub-grupo APUITEREWA. Entretanto os mesmos foram observados. Ainda segundo membros desta comunidade estes índios provavelmente estejam se endereçando em retorno a seu local de origem, a região do Igarapé Cajazeiras.

POPULAÇÃO

A população PARAKANÃ em ambas as comunidades até agora contatadas, Igarapé Lontra e 3º Acampamento, abrange hoje a exatamente 135 (cento e trinta e ^{cinco} ~~quatro~~) pessoas, das quais 104 (cento e quatro) correspondem ao grupo residente na Reserva PARAKANÃ. Inicialmente, o grupo contatado em 1970/71 possuía no chamado "ato de atração" um total aproximado de 180 (cento e oitenta) a 200 (duzentas) pessoas conforme relatos dos sertanistas encarregados. Contudo, desde aquele ano que a população desta comunidade indígena tem decrescido sensivelmente, ainda mais nos primeiros anos de contato. Assim no primeiro ano da chamada "pacificação" o crescimento populacional ultrapassou a qualquer perspectiva, pois que o número de habitantes não era maior do que 92 (noventa

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROG. 17

Flo. 37

Reb. 17

5487 (178) X

08

duas) pessoas. No ano seguinte a malária e a gripe, entre outros, foram fatores de maior de população, caindo para 82 (oitenta e dois) o número de indivíduos residentes na Reserva PARAKANÃ. De 1973 até hoje a população indígena PARAKANÃ vem aumentando, mas longe está de ao menos igualar o número de pessoas de quando seu contato, pois que a perda populacional desta comunidade do igara pé Lontra atinge entre 52% e 57,7%.

A população de 104 (cento e quatro) pessoas residentes na Reserva PARAKANÃ é composta de 53 (cinquenta e tres) homens e 51 (cinquenta e uma) mulheres, dos quais 43 (quarenta e tres) se encontram abaixo dos 15 anos e 61 (sessenta e um) acima de quinze anos. A faixa etária de maior densidade é a de zero a cinco anos com 29 (vinte e nove) crianças e a de nula é a de 40 (quarenta) a 45 (quarenta e cinco) anos que não possui um único representante. A população feminina é mais acentuada nas faixas etárias de zero a cinco anos onde existem 17 mulheres para 12 homens e na de 20 (vinte) a 25 (vinte e cinco) anos onde encontramos 11 (onze) mulheres para cinco homens. Já a população masculina se concentra mais e unicamente na faixa de cinco a dez anos na qual se encontram 7 (sete) homens para apenas 1 (uma) mulher. Nas outras faixas etárias a diferença é bastante pequena, variando de zero a tres para ambos os sexos. A faixa etária mais equilibrada é a de 15 (quinze) a 20 (vinte) anos onde verificamos 5 (cinco) representantes para cada grupo.

No que diz respeito a Reserva Pucurui, a população soma atualmente 31 (trinta e uma) pessoas tendo sofrido uma perda populacional de 25%, pois que quando da atração somavam 40 (quarenta) pessoas aproximadamente. Desse total, temos que 18 (dezoito) pertencem ao sexo masculino, ao passo que treze ao sexo feminino. A população masculina, visivelmente a maioria, também possui na faixa de 5 (cinco) a 10 (dez) anos a maior diferença encontrada no todo, já que conta com 7 (sete) indivíduos para uma única pessoa do sexo feminino. Portanto, o problema de ausência de mulheres

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI548213
38
09

neste grupo indígena fatalmente torna-se um dos mais graves, a ponto que se não houver um trabalho digno e sério, neste sentido, estes PARAKANÁ poderão se extinguir. Contudo, face a cisão havida no passado entre ambas as comunidades, aconselhamos com base no desejo dos PARAKANÁ do 3º Acampamento, que a união dos dois grupos não seja sob hipótese alguma acelerada. Faz-se necessário, isto sim, um trabalho paciente e que tal união só se efetive com o comum acordo de todos os PARAKANÁ. (vide gráfico populacional de ambas as aldeias PARAKANÁ, ao fim do Relatório).

ASPECTOS ETNOGRÁFICOSa) Atividades de Subsistência

Os PARAKANÁ retiram a sua subsistência de tres fontes básicas: caça, coleta, agricultura. Sabe-se, entretanto, que a pesca também já se constituiu em um forte componente para a dieta deste grupo TUPI. Infelizmente, hoje, face aos igarapés mais próximos de ambas as aldeias não serem muito piscosos, esta atividade só é exercida quando a alimentação diária se torna ainda mais ausente. Observamos, no entanto, que as crianças a praticam com certa frequência. É sabido, por outro lado, que os PARAKANÁ se utilizavam, no passado, do timbó como meio auxiliar à pesca; porém, devido a proibição feita por um ex-chefe do P.I. PARAKANÁ ao uso dessa leguminosa, os índios hoje não mais a tem utilizado. Já na Reserva Pucurui, 3º Acampamento, não notamos a prática da tingujada, como também não soubemos de alguma proibição neste sentido. Em ambas as aldeias, a pesca é atualmente realizada com anzóis e linhas de nylon e se constitui em tarefa isolada da família nuclear e não mais como atividade que abrangesse um maior número de pessoas; em meados de coleta, como nos informaram os PARAKANÁ, quando do uso do timbó.

A caça, atividade estritamente praticada pelo homem, é a que se constitui na base da alimentação PARAKANÁ. Enquanto na Reserva de Pucurui os animais se encontram praticamente extintos, com

[Handwritten signature]

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º FUNAI 548/11/75
Fls. 37-7
Rubrica
10

mo é o caso da anta e do porco-do-mato, sendo possível se conseguir raramente o veado, o tatu e às vezes a paca, a Reserva PARA KANÃ do igarapé Lontra começa a sentir os efeitos da presença do homem branco junto à área. Assim, a anta já pode ser considerada como caça rara e representa grande jubilo a sua conquista. Quanto ao porco-do-mato e o castitu ainda podem ser conseguidos, embora com certa dificuldade. Além desses, o PRAKANÃ consome o macaco guariba somente um último caso.

De modo geral a caça, quando de grande porte, é retalhada na mata e a mulher a transporta em cesto de jussara para a aldeia. Quando saem somente os homens para a caçada eles mesmos se encarregam de transportar o produto. Como dissemos em relatório anterior³, o modo de transportar a PEIRA⁴ difere um pouco: a mulher a carrega sustentando-a à cabeça ou à testa, enquanto que o homem a sustenta aos ombros. A alça do cesto é confeccionada com envira.

A caçada como dissemos anteriormente pode ser realizada de tres modos, sendo que atualmente a efetuada pela família nuclear ou em grupo de pessoas aparentadas (irmãos ou sobrinhos com o irmão do pai) são as mais frequentes. A caçada coletiva ocorre mais raramente, pois que é feita a um bando de queixadas.

A coleta, por sua vez, se constitui em atividade exclusiva da mulher e consiste principalmente de frutos silvestres como o cupuaçu, coco-de-bobaçu, guajara, inaja, castanha-do-pará, como também de mel de abelha, insetos alojados no mamão-do-mato ou no bobaçu. O jaboti, visto com grande alegria na dieta alimentar é consumido quase que diariamente, embora no 3º Acampamento já sejam consumidos os pequenos, pois segundo nos informaram os PRAKANÃ têm de se andar muito para se conseguir alguns maiores.

Podemos caracterizar a coleta como uma segunda atividade de importância na dieta desse grupo TUPI.

No que se refere a agricultura, continuamos a afirmar
(2) - Esta parte contém um sumário de relatório anterior datado de Jan/Fev. 1975.

[Handwritten signature]

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FUNAI 5487138

11

que trata-se mais de uma atividade do complemento, embora de ma na importância para o cotidiano. Os locais a serem trabalhados para feitura das roças são escolhidos por aqueles que irão produzi-la. As roças se dividem conforme a união inter-familiar e expressam, pois, a solidariedade interna do grupo doméstico, tanto na produção como na distribuição alimentar. Esta solidariedade também se extrapola a toda comunidade, quando se realizam as trocas dos produtos alimentares, por exemplo. Pois bem, escolhida a área do roçado passa-se a derrubar a mata e à limpeza do terreno, tarefa que cabe exclusivamente aos homens. A coivara tradicionalmente não era praticada. Hoje, entretanto, passaram a adotá-la face a convivência com os funcionários da FUNAI. À mulher cabe o plantio e a colheita de um modo geral, e apenas quanto a mandioca é que o homem pode auxiliá-la. Já o tabaco é o plantio e colheita trabalho relacionado ao homem; o cigarro (50 cm ou mais) tradicionalmente não é fumado pela mulher.

O plantio coincide com o início do inverno local (novembro/dezembro/janeiro) e, portanto, as tarefas anteriores de derrubada e limpeza do terreno são efetuadas entre os meses de agosto a outubro, durante o período do verão. Assim, podemos observar que os PARAKANÁ tradicionalmente se mantêm em franca atividade agrícola durante boa parte do ano. Além disso, é o período do verão, principalmente entre os meses de junho-julho a setembro-outubro, que se realizam as atividades festivas, o que implica em maior desgaste de energia. Neste tempo cantam e dançam por dois ou tres dias seguidos, à noite, tornando a fazê-lo após um breve descanso de dez dias aproximadamente.

Hoje, além dos produtos tradicionais como por exemplo; batata; sobó, inhame, banana, algodão, milho, mandioca, tabaco. A preocupação com o plantio do arroz que vem se constituindo como um dos componentes da dieta alimentar PARAKANÁ. Contu

(1) - Relatório Jan/Fev. 1975

(4) - Cesto feito com a palha de jussara.

Ampliação

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

12

do, face a coleta da castanha-do-Pará, comercializada pela administração regional da FUNAI, a agricultura vem sendo deixada de lado, implicando, pois, não só na dependência exaustiva do órgão oficial, mas também em um estado de inércia por parte da população. Sobre a questão referente a situação do contato dos índios com as administrações regional e local trataremos mais adiante.

Os grupos PARAKANÃ contatados em 1971 e 1976 tiveram deslocados seus aldeamentos quando do contato, para áreas próximas aos acampamentos das respectivas frentes de Penetração da época. Isto, acarretou problemas relacionados às áreas de subsistência de ambas as comunidades. No que diz respeito a Reserva Parakanã a atual localização da aldeia, junto ao antigo acampamento da FUNAI e atual Posto Indígena, encontra-se em longa distância de seus caminhos de caça e pesca tradicionais, que se localizariam entre os igarapés Andorinha, Murici e próximo às Cabeceiras do igarapé Lontra. Além desses, o igarapé Bacuri e seus afluentes, sempre se constituíram em ricas fontes de pesca para o grupo.

Além dos caminhos já mencionados, acresce-se as áreas dos igarapés Cajazeiras da esquerda, do Meio da direita, Pacajzinho, Pucuruí e rio Onofre e afluentes.

Hoje, observa-se, e a própria comunidade tem-nos informado, que os índios têm de caminhar de 3 (tres) a 5 (cinco) dias para a caçada do porco-do-mato ou da anta, que, conforme já afirmamos, se constituem em pratos de maior sabor à dieta PARAKANÃ; ou mesmo para a pesca, realizada no igarapé Andorinha e proximidades ou no igarapé Bacuri. Raros são os índios que ainda conseguem alguma caça de grande porte perto da aldeia, e destas somente o veado, a paca, o tatu são obtidas, mesmo assim, em pequeníssima quantidade.

A coleta é feita ao longo da Reserva, de modo geral. Entretanto, ao longo do igarapé Lontra é onde se localizam os cas

tanhais de onde os índios retiram a castanha-do-pará. Mas, os maiores castanhais estão localizados junto ao igarapés Murici, Andorinha, Bacuri, este acima da aldeia, em grande parte de seu percurso.

Quanto a Reserva Pucurui, e como se sabe, os índios ali residentes foram transferidos do rio Anapu para esta localidade. Aqui os PARAKANÃ têm sua subsistência em maior carência ainda, pois que a caça de grande porte praticamente inexistente conforme já foi salientado acima. Quando se endereçam à caçada tomam o rumo norte da aldeia adentrando mais à Reserva, em direção às Cabeceiras do igarapé Pucurizinho que passa junto à aldeia. Ali, então, eles conseguem algumas já raríssimas caças como o veado, a paca ou caitetu ou então peixes de pequeno e médio porte. Por outro lado, as estradas vicinais abertas para a retirada da madeira-de-lei existente na área como o mogno, cedro, itaubá, etc., permitiu, como já é de conhecimento, a entrada de funcionários da Serraria da FUNAI não só para a coleta da castanha, mas e o que é pior para a caçada. É comum ver-se tais funcionários adentrando indiscriminadamente por estas estradas vicinais da Reserva Pucurui em busca da caça, que naturalmente deveriam estar reservadas à comunidade indígena. Em informações obtidas junto a esta comunidade fomos sabedores que a área Cajazeiras é riquíssima em peixes e caças, mormente nos igarapés do Meio e da Direita. Até as proximidades do igarapé Pacajazinho. A área Cajazeiras foi observada "in loco" por nós quando de nossa verificação territorial em julho de 1970. (vide no mapa anexo, as localizações de caça, pesca e coleta, que vem sendo utilizadas tradicionalmente pelos Parakanã).

b) Etnologia - (Cultura Material)

A cultura material PARAKANÃ, de modo geral, não apresenta grande variedade na matéria-prima a ser utilizada, como também no modo de confeccionar o objeto. A palha-de-babaçu, o algodão, a taquara e a taboca-branca, pequenos frutos e semen

tes e dentes de animais para a produção de colares e da goiva, são alguns dos materiais mais empregados em seus artefatos, além das penas e da plumária de aves como o gavião-real, o mutum, o tucano, a arara.⁽⁵⁾

Observamos ainda que o homem tem uma maior diversificação na matéria-prima a ser trabalhada, visto que os objetos por ele produzidos provêm de fontes as mais diversas. Já às mulheres o mesmo não acontece, restringindo-se, pois, ao algodão, a palha-de-babaçu, pequenas sementes, envira, barro. O algodão e a palha-do-babaçu são os materiais utilizados por ambos os sexos na confecção de seus artefatos, sendo que o primeiro tem sua presença em todos os objetos, a exceção de somente tres: o abano, TATAPEKUAWA; o cesto para depósito, IAKUTIN; o cesto para o transporte, MANAKUTIN. Estes são feitos unicamente com a palha-de-babaçu; os dois cestos possuem ainda alça de envira. Dois objetos são inteiramente confeccionados com o algodão: a tipóia, TAPAXA, com que se carrega a criança, e a rede, TUPAWA; esta, no entanto, também pode ser feita com fios extraídos da folha do tucunzeiro. A cestaria, como ainda os objetos de algodão (Re de e Tipóia) e as panelas de barro são, entre outros, produzidos exclusivamente pelas mulheres.

Os cestos usados como depósito de farinha, o IROWA, ou de objetos pequenos, o IAKUTIN, e o ARAPAY, este uma caixa pequena confeccionada pelas mulheres, mas de uso exclusivo dos homens; ou, então, como já dissemos, os cestos, de transportes, o MANAKU e o MANAKUTIN, possuem diferenças entre os que são produzidos na aldeia do igarapé Lontra e na aldeia do 3º Acampamento. Enquanto o da primeira se caracteriza por ser flexível o da última é bastante mole, principalmente o IROWA. A matéria-prima e o modo de confecção são os mesmos e a diferença talvez resida ou na textura, ou no local de onde são retirados os folíolos da

(5) - vide relatório jan/fev. - 1975 que apresenta maiores detalhes quanto a descrição dos artefatos PARAKANÃ.

[assinatura]

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI5487114
HH
15

palmeira de babaçu.

A panela de barro, por sua vez, também possui variações, em número de cinco, que se distinguem pela utilidade e pelo tamanho. Em geral, possuem três diferenciações básicas: as de borda que se dividem quanto ao tamanho e ao uso - XAENOWERE, para cozinhar carnes, mandioca, batata, etc.; XAEMEPIA, para colocar pedaços de jaboti ou gordura de anta - é menor do que a primeira; XAEPOOPI, pequena panela utilizada para guardar o mel de abelha. As panelas sem borda, abertas, portanto, se diferenciam quanto ao diâmetro da boca. Assim, temos: XAEMEVI, de tamanho médio que é usada para fazer mingau de milho, mandioca, etc.; XAEMEPION, cujo utensílio se destina a torrar a farinha de mandioca.

O arco e a flecha são confeccionados exclusivamente pelo homem, sendo, o primeiro de nome WIRAPARA, usado somente com um único tipo de madeira, o pau d'arco, e o seu encordoamento produzido com a fibra de tucum, preferencialmente. As flechas que possuem três variações a saber: a de ponta de taquara, e a de ponta de osso que recebem uma mesma denominação, DIWA; e a de ponta de madeira, de nome IAKWARE, obedecem as mesmas características no que se relaciona à pintura. Por outro lado, as diferenças encontradas dizem respeito ao modo de confecção das flechas. Assim, enquanto que as de ponta de madeira e de osso não ajustadas à haste através do sumba, esta aparece na flecha de ponta de taquara. Quanto à emplumação e a plumária não há diferença que se estabeleça entre as três flechas, no que diz respeito à amarração das mesmas. A flecha de ponta de taquara tem sempre sua emplumação feita com penas de gavião-real, enquanto que a de ponta de osso recebe a pena de arara vermelha, ou de um pequeno gavião. Já a de ponta de madeira é confeccionada com penas de mutum. Os brincos das flechas são sempre feitos com as penas do rabo do tucano. Não utilizam em qualquer flecha o veneno em suas pontas.

Handwritten signature and initials.

SITUAÇÃO FUNDIÁRIA DA ÁREA ELEITA

A nova área Parakanã, localizada nos municípios de Jacupá e Itupiranga, no Estado do Pará, é, em parte, área de interesse do INCRA e ITERPA, para colonização.

Ao que conseguimos informar junto a sede do ITERPA, em Belém, a parte da área eleita que é de responsabilidade do Estado do Pará, está desempedida até o momento, não havendo nenhum título ou promessa de compra e venda firmado por aquele órgão, bem não existindo nenhum projeto de colonização em andamento.

Quanto ao INCRA a situação é bastante diversa, havendo três projetos de colonização que incidem, em parte, na área eleita. Tais projetos são: Gleba Valentim; Gleba Pacajazinho e Gleba Cajazeiras.

Ao que conseguimos apurar, até o momento, a regularização de tais projetos ainda não foi conseguida, estando as solicitações feitas pelo INCRA, em tramitação na sede do órgão em Brasília, para regularização.

Quanto ao número de ocupantes ou posseiros atualmente morando na área eleita, o INCRA não tem dados concretos, informando, entretanto, que alguns deles possuem licença de ocupação.

No levantamento não exaustivo por nós realizado, dadas as impossibilidades de pouso de Helicóptero nas clareiras dos matorres que ficaram dentro da área e da subida dos rios, nesta época do ano por falta de água em seus leitos, constatamos a existência de 12 (doze) moradores nas margens dos igarapés principais, sendo que somente dez deles possuem um mínimo necessário a subsistência, qual seja:

- a) uma pequena casa de madeira construída com materiais regionais;
- b) uma pequena horta de mandioca, milho, banana, batata, melancia, etc;
- c) alguns pés de feijão no quintal de casa. Acresce-se que alguns deles possuem também de galinhas e pequenas bananeiras.

em
A. G.

Tendo em vista e exposto onde se ressalta o território tradicional de perambulação dos índios PARAKANÃ, como também as áreas de caça, pesca e coleta, acreditamos que a área eleita se justifica por si próprio. Além disso, deve se ter em conta que a região Cajazeiras já foi solicitada em 1973 para interdição, face ao PARAKANÃ não constatados ali se encontraram; hoje, já afirmamos no decorrer deste relatório, temos informações de que estes PARAKANÃ não constatados se encontram dentro da área eleita, provavelmente em direção a região Cajazeiras.

Portanto há a necessidade premente de que esta região eleita deve estar demarcada até fim de 1979, podendo os recursos financeiros serem solicitados a Empresa Subvencionadora do convênio, as Centrais Elétricas do Norte do Brasil, Eletronorte.

Resaltamos que faz-se necessário tornar público, de imediato, o interesse da FUNAI na área, objetivando sustar concretização de processos de regularização já em andamento.

ÁREA ICTIOLÓGICA PARAKANÃ

A área a leste da variante transamazônica, e que será ocupada com a inundação, revogada pelas Centrais Elétricas do Norte do Brasil, deve ser mantida como de real interesse da comunidade indígena PARAKANÃ.

Esta área discriminada tem por objetivo sua conservação como Reserva Ictiológica, anexada a nova Reserva PARAKANÃ sem, entretanto, ser nesta incluída. Portanto, temos a Reserva PARAKANÃ conforme mapa e memorial descritivo; e, por outro lado, a Reserva Ictiológica em benefício da comunidade indígena PARAKANÃ.

Brasília-DF, 26 de janeiro de 1979.

HERALDINO VIEIRA CRUVINEL
Antropólogo FUNAI/ DGPC/DEP.

ANTONIO CARLOS BRAGA L. DOS SANTOS
Antropólogo Cobió. Projeto Parakanã.